

**Maria Andréa Loyola**

Organizadora

**Aids**

*e Sexualidade*

**O Ponto de Vista das  
Ciências Humanas**

*Alain Giami*

*Elza Berquó*

*Joel Birman*

*Marie-Ange Schiltz*

*Marilena Corrêa*

*Marta de Souza*

*Michael Pollak*

*Richard Parker*

*Sérgio Carrara*



Dumará / UERJ



## Sumário

---

Apresentação <i>Maria Andréa Loyola</i>	9
Aids e prevenção da Aids no Rio de Janeiro <i>Maria Andréa Loyola</i>	19
Aids e doenças venéreas no Brasil <i>Sérgio Carrara</i>	73
Sexualidade: entre o mal e as maledicências <i>Joel Birman</i>	109
Medicalização e a construção da sexualidade <i>Marilena Corrêa</i>	117
Diversidade sexual, análise sexual e a educação sexual sobre a Aids no Brasil <i>Richard Parker</i>	141
Homens adultos: conhecimento do uso do condom <i>Elza Berquó e Marta de Souza</i>	161
As pesquisas sobre bi- e homossexuais masculinos na Europa <i>Michael Pollak e Mari-Ange Schiltz</i>	183
De Kinsey à Aids: a evolução da construção do comportamento sexual em pesquisas quantitativas <i>Alain Giami</i>	209
Os autores	241
Índice	243

# *Homens adultos: conhecimento e uso do condom\**

Elza Berquó  
Marta Rovero de Souza

---

## *Introdução*

Tradicionalmente os homens usavam o condom nas relações sexuais com prostitutas a fim de se prevenirem de doenças sexualmente transmissíveis (principalmente a gonorréia e a sífilis). Isto se dava tanto com os jovens ao se iniciarem na prática sexual, quanto com os casados, em relações fora do casamento. Em ambos os casos esta conduta acabava por ter alguma influência como forma de evitar filhos, embora não estivesse ao nível da consciência da maioria das pessoas. Pode-se dizer, portanto, que o recurso ao condom até o início da década de 1950, ou seja, antes do descobrimento da penicilina, era feito principalmente no sentido de evitar doenças transmissíveis por via sexual. Em que pese o fato de que antes do surgimento da pílula, conjuntamente com o coito interrompido, o condom possa ter feito parte do reduzido repertório de meios para evitar a gravidez, principalmente dentro do casamento, a falta de pesquisas acerca do referido período deixa um espaço propício a elucubrações a respeito.

A difusão do uso da penicilina reduziu em grande medida a preocupação das pessoas em prevenir-se de doenças sexualmente transmissíveis. Por outro lado, mudanças no comportamento em decorrência da liberação sexual, particularmente na década de 1960, tornaram cada vez mais usual a prática do sexo sem o recurso à área da prostituição. Assim, o condom foi tendo seu uso cada vez mais reduzido.

---

\* Esta pesquisa contou com o apoio financeiro da Fundação Ford do Brasil.

Por sua vez, a partir do surgimento da pílula anticoncepcional, as investigações na área da tecnologia reprodutiva foram aperfeiçoando métodos de alta eficácia para prevenir, interromper ou impedir definitivamente a gravidez. O uso difundido de tais técnicas relegou o uso do condom e outras práticas mais convencionais a níveis pouco expressivos, principalmente nos países menos desenvolvidos. De fato, em meados da década de 1980, em todo o mundo, o uso do condom, por mulheres na idade reprodutiva, não passava de 5%.<sup>1</sup> Esta prática, entretanto, é mais popular nos países mais desenvolvidos, onde o índice de uso é de 13% em contraste com os 3% para o restante do globo. Quando se relaciona a presença do condom ao total de usuários de algum método, estes índices sobem. Em nível mundial alcançam 10%, cabendo 19% e 6%, respectivamente, aos países mais e menos desenvolvidos. Vale ressaltar que enquanto em 60% dos países mais desenvolvidos o condom representa 10% de todos os métodos em uso, esta mesma posição relativa só é alcançada por 30% dos menos desenvolvidos. Quando se desagrega este bloco de países, os dados mostram que o Japão lidera o hábito desta prática, como atestam as informações de 1986, com 45% de uso por parte de casais com a mulher em idade reprodutiva. No total de usuários este índice ascende a 69%. Comparativamente aos 45% do Japão, seguem-se a Finlândia com 40%, Dinamarca com 39%, Cingapura com 33%, Espanha com 21% e Estados Unidos com 14%.

No Brasil, o uso do condom é extremamente discreto. Pesquisa recente de caráter nacional,<sup>2</sup> cobrindo um total aproximado de 30 mil mulheres com idade entre 15 e 54 anos, revelou que dos 70% de usuárias de algum método apenas 1,8% mencionaram a presença do condom nas relações sexuais.

Ainda que correndo o risco de excessiva simplificação, poder-se-ia dizer que a conjugação de dois processos em curso — a liberação sexual e o avanço da tecnologia da reprodução humana — deu às pessoas a possibilidade de fazer sexo sem se preocupar com a reprodução e reproduzir-se sem precisar necessariamente fazer sexo (inseminação artificial, fertilização *in vitro*, transferência de embriões, etc.). Além disso, as normas e costumes evoluíram no sentido de permitir que as pessoas expressem suas opções sexuais independentemente do sexo biológico. Ou seja, através de uma grande conquista social e tecnológica as pessoas vinham, de certa maneira, adquirindo ampla liberdade sobre seus desejos e controle sobre seus corpos.

1 Organização das Nações Unidas, *Levels and trends of contraceptive use as assessed in 1988*.

2 Elza Berquó. "Anticoncepção da população na virada do século".

O surgimento da Aids vem impor, entretanto, em escala mundial, modificações na conduta dos indivíduos e da sociedade como um todo.

De um lado, a prática sexual volta a requerer cuidados com a transmissão da doença e esta mudança pode atingir todas as pessoas, independentemente de idade e sexo. Aquelas pessoas que por serem estéreis, ou por terem sido esterilizadas, ou por estarem fora do período reprodutivo e que, por isso, já não precisavam mais ter preocupações com o uso de anticoncepcionais, também passam a ter de recorrer, em sua prática sexual, a métodos de barreira no sentido de prevenir a doença. Ou seja, a Aids vem recolocar a questão do exercício de um método antigo e de pouco uso até meados da década, como foi o condom. Esta rápida mudança requer alterações no nível de consciência das pessoas, no sentido da aceitabilidade de um meio considerado antiquado, estigmatizado, cujo uso sempre esteve associado ao sexo ilícito e a condutas sexuais consideradas de alto risco.

De outro lado, a interação Aids e condom pode ter implicações demográficas que afetem a fecundidade tanto no sentido de aumentá-la como no de diminuí-la, mas de difícil predição. Com efeito, a Aids alterou nossa visão de anticoncepção, uma vez que a menor frequência de relações sexuais com parceiros variados, decorrente do receio de contrair a Aids, pode alterar o número de gravidezes indesejadas e, portanto, diminuir o número de nascimentos assim como o de abortos induzidos.<sup>3</sup> Mas a diminuição de relações sexuais extraconjugais pode, por outro lado, provocar um aumento na fecundidade marital. O uso do condom no segmento de jovens que antes não usavam qualquer método pode também levar a uma diminuição no número de gestações indesejadas. Já os casos em que a jovem antes usava algum método de alta eficácia, como a pílula, por exemplo, e deixa de fazê-lo porque agora o parceiro usa o condom, podem contribuir para aumentar o número de gravidezes, resultante da falha do condom. Várias situações poderiam se suceder neste sentido para testemunhar o nível de dificuldade em fazer predições. Por outro lado, o aumento da mortalidade por Aids vai afetar a médio e longo prazos os padrões populacionais por sexo e idade, bem como as estruturas familiares. Este conjunto de fatores justifica o interesse crescente de estudos que se situem na interface da saúde com a demografia.

Os *surveys* sobre anticoncepção, como são comumente conduzidos, não são apropriados para dar respostas na direção almejada. Metodologica-

---

3 Apesar da diferença significativa, a regulação da fecundidade e a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis têm muito em comum: ambas compartilham um mesmo método de preservação que requer uma conduta sexual responsável que inclui o uso do condom.

mente, por se referirem apenas a mulheres — estas, no período reprodutivo e, em geral, casadas ou unidas — tais *surveys* distorcem a realidade do que se passa no universo masculino quanto ao uso desta prática.

Pesquisa realizada em Barbados, Dominica, São Cristóvão e Nevis mostrou que, quando homens foram entrevistados, o condom foi referido como o método usado entre 18% a 43% dos usuários, enquanto este índice variou de 7% a 14% quando foram as mulheres as informantes.<sup>4</sup>

Muitos dos fatores que afetam a aceitabilidade e o conhecimento de um novo ou antigo métodos, sejam eles anticonceptivos e / ou preventivos, incluem as atitudes dos órgãos “provedores de serviços” e formuladores de políticas de saúde frente ao tema. A qualidade dos serviços prestados e principalmente a maneira como tais métodos são apresentados à população, salientando seus custos e características, são aspectos que viabilizarão ou não o seu uso.

Esta carência de informações diretamente colhidas junto ao universo masculino determinou a realização desta pesquisa.

### *Esclarecimentos metodológicos*

Com o objetivo de investigar a incidência de uso do condom no universo masculino e, em caso afirmativo, com que propósito esta prática está sendo exercida — se anti-Aids, se anticoncepção, ou se ambos —, delineou-se uma pesquisa que foi realizada no município de Campinas, entre março de 1990 e janeiro de 1991.<sup>5</sup>

O estudo incluiu homens jovens, na pressuposição de que neste segmento a grande maioria seria de solteiros, aumentando assim o risco de exposição a relações sexuais com parceiros variados, onde o uso do condom estaria mais justificado. A faixa etária cobriu homens de 18 a 30 anos, distribuídos por três categorias: estudantes universitários, bancários e operários. No caso dos bancários, incluíram-se entrevistas em bancos públicos e privados, nacionais e internacionais. No referente aos operários, foram incluídos tanto operários da construção civil quanto da indústria, com o intuito de cobrir a possível variabilidade que esta categoria poderia encerrar.

De cada um desses estratos foram selecionados cem indivíduos, perfazendo uma amostra total de trezentos entrevistados. A cada um foi aplicado

4 Organização das Nações Unidas, op. cit.

5 Esta pesquisa contou com apoio da Fundação Ford do Brasil.

um questionário com um total de 84 questões, distribuídas em cinco sessões: conhecimento e uso do condom; comportamento sexual; histórico das doenças sexualmente transmissíveis e o nível de conscientização sobre a Aids; vida sexual atual; e informações sociodemográficas.

As características gerais da amostra por idade, estado conjugal e cor, para cada um dos segmentos estudados, encontram-se no Apêndice ao final deste artigo.

## *Condom: conhecimento e uso*

### *Conhecimento*

Nesta pesquisa, os entrevistados foram expostos a um conjunto de perguntas visando captar o conhecimento sobre o condom e sua prática. Entretanto, era muito importante que a alusão ao condom surgisse de forma espontânea por parte dos entrevistados e não induzida de alguma forma que acabasse por mascarar sua verdadeira penetração nos segmentos masculinos estudados. Tentava-se evitar vinculá-lo de início quer a um preventivo de gravidez quer a um preventivo de doenças sexualmente transmissíveis.

Com este fim, a bateria de questões girando sobre conhecimento e uso do condom foi precedida das três perguntas seguintes:

*Pergunta 1:* Você sabe o que o homem pode fazer para evitar que uma mulher engravide?

*Pergunta 2:* Existem várias doenças sexualmente transmissíveis. Você conhece o nome de alguma?

*Pergunta 3:* Você sabe o que pode ser feito para evitar estas doenças?

Em resposta à Pergunta 1, o condom foi o método masculino mais citado pelos entrevistados nas três categorias analisadas (Tabela 1). A menção ao condom em 96% das respostas dadas por universitários e bancários e em 90% daquelas vindas dos operários da indústria é indicação suficiente do grau de sua aceitação no universo masculino.<sup>6</sup> Mesmo os 76% correspondentes ao segmento mais desinformado, ou seja, relativo aos operários da construção civil, fazem referência ao condom. Vale salientar

6 Este achado também se confirma nos resultados encontrados no Rio de Janeiro, Curitiba e Recife, na pesquisa da Bemfam sobre Saúde Reprodutiva e Sexualidade do Jovem, 1989-90 (relatório preliminar).

que, embora a Pergunta 1 se referisse claramente ao que o homem deveria fazer, muitos deram como resposta métodos femininos. Isto pode estar refletindo uma mentalidade de que a anticoncepção é ainda vista como uma responsabilidade das mulheres.

Tabela 1  
Métodos que o homem deve usar para evitar a gravidez  
(%)

(*)	Categoria Profissional			
	Bancário	Universitário	Operário	
			Const. Civil	Indústria
Coito-Interr.	28,00	40,00	22,00	24,00
Condom	96,00	96,00	76,00	90,00
Vasectomia	26,00	40,00	8,00	12,00
Total /Respostas	150	176	53	63

\* Respostas múltiplas.

Quanto à Pergunta 3, o condom foi mencionado espontaneamente com frequência muito menor do que no caso da anticoncepção, como revelam os dados da Tabela 2. Entre os bancários e universitários ele teve praticamente o mesmo peso no total de respostas, ou seja: em cada cem, apareceu em média 36 vezes. Este resultado parece pouco animador como sintoma da pouca preocupação com a Aids, ainda mais em se tratando de homens jovens supostamente mais esclarecidos. Entre os operários, a "camisinha" foi mencionada com maior frequência, superando os 50% de respostas. Uma possível explicação para esta aparente contradição pode ser encontrada no fato de a prostituição ter sempre estado mais presente na prática sexual das camadas menos favorecidas da população.

Alguns outros aspectos relacionados a estas respostas merecem atenção. Em primeiro lugar, o elevado percentual de operários, principalmente da construção civil, que não sabem o que fazer para se prevenirem de doenças transmissíveis por via sexual. Esta desinformação, traduzida em 14,5% das respostas dadas por operários da construção civil, é um elemento a ser levado em conta pelo setor de saúde envolvido nas campanhas de prevenção da Aids. Em segundo lugar, é de estranhar o alto percentual de respostas dadas por universitários (24%) e bancários (13,9%) sugerindo higiene pré- e pós-coito, em que pese o fato de tratar-se de uma boa norma de higiene, em geral, mas totalmente inócua no que se refere à Aids.

Tabela 2  
O que fazer para evitar doenças sexualmente transmissíveis (%)

(*)	Categoria Profissional			
	Bancário	Universitário	Operário	
			Const. Civil	Indústria
Usar camisinha	38,14	35,45	50,00	53,52
Não ser promíscuo (conhecer parceiros)	46,91	33,64	32,26	39,44
Higiene pré-coito	5,67	10,45	1,61	0,00
Higiene pós-coito	8,25	13,64	0,00	0,00
Outros	0,52	6,36	1,61	2,82
Não sabe	0,52	0,45	14,52	4,23
Total de respostas	194	220	62	71

(\*) Respostas múltiplas

Finalmente, evitar a promiscuidade adquiriu mais importância para os bancários e, neste sentido, universitários e operários praticamente se iguaram quanto a esta preocupação.

Perguntados sobre "Para que serve o condom", os entrevistados revelaram conhecimento de que o condom serve ao duplo propósito de evitar a gravidez e prevenir doenças sexualmente transmissíveis, conforme atestam as elevadas proporções de bancários (93%) e de universitários (90%), que assim responderam. São os trabalhadores da construção civil, seguidos dos industriários, os que percebem no condom a utilidade específica ora para prevenir doenças sexualmente transmissíveis, ora para evitar a gravidez (Tabela 3).

Tabela 3  
Para que serve o condom (%)

	Categoria Profissional			
	Bancário	Universitário	Operário	
			Const. Civil	Indústria
Prevenir DST*	2,00	2,00	22,00	14,00
Evitar gravidez	5,00	8,00	22,00	8,00
DST e gravidez	93,00	90,00	56,00	78,00
Total de casos	100	100	50	50

\* Doenças sexualmente transmissíveis.

Tratando-se de eficácia, entretanto, a grande maioria o considera como mais eficaz para prevenir doenças sexualmente transmissíveis do que para evitar a gravidez, exceção feita aos industriários, que julgaram o condom igualmente eficaz para ambos os propósitos.

### *Uso do condom alguma vez*

Se por um lado todos os entrevistados responderam que já tinham ouvido falar do condom, quando se procura saber sobre seu uso, apenas 80% da amostra já o haviam usado alguma vez. Neste ponto, os quatro grupos analisados não diferiram estatisticamente,<sup>7</sup> embora os bancários liderassem a lista com 84% de uso, seguidos dos universitários com 80%, cabendo aos operários as menores taxas, da ordem de 76% para indústria e 74% para construção civil.

Os motivos alegados para o uso do condom se distribuíram de forma muito similar entre bancários e universitários: o cuidado para evitar a gravidez destaca-se como a principal preocupação (Tabela 4). Prevenir a concepção era o maior motivo para o uso do preservativo entre os industriários. Entretanto, para esta categoria profissional, a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis ocupou posição mais importante do que para os bancários e universitários. Já para os operários da construção civil, as doenças transmitidas pelo ato sexual estiveram no topo da lista de suas razões para a utilização do condom.

Tabela 4  
Razões para o uso do condom (%)

	Categoria Profissional			
	Bancário	Universitário	Operário	
			Const. Civil	Indústria
Prevenir DST*	19,00	17,50	59,50	34,20
Evitar gravidez	54,90	61,20	35,10	55,30
DST e gravidez	11,90	12,50	2,70	7,90
Outras razões	14,30	8,80	2,70	2,60
Total de casos	84	80	37	38

\* Doenças sexualmente transmissíveis.

7  $\chi^2$  observado para 3 graus de liberdade igual a 3,497, sendo de 7,815 o valor crítico desta estatística ao nível de 5%.

Com relação ao estado conjugal destes entrevistados que responderam já ter usado o condom, pode-se dizer que a distribuição para cada categoria profissional é muito similar à sua correspondente na amostra total, conforme tabelas em anexo. O que chama atenção, no entanto, é o predomínio, medido por 92,2%, de solteiros entre os 61 homens que nunca utilizaram o condom, em contraste com os 68,6% no grupo dos que o usaram.

A pesquisa sobre os motivos apontados para o não-uso do condom revelou que alterações no prazer preocupam principalmente bancários e universitários (Tabela 5). Neste sentido, é importante lembrar que estes depoimentos devem estar calcados em experiências adversas e preconceituosas vividas por amigos ou irmãos mais velhos ou pelas parceiras sexuais, uma vez que os próprios entrevistados declararam nunca terem usado o condom. O fato de as parceiras sexuais usarem algum método anticoncepcional é razão para que alguns dos entrevistados se despreocupem do condom, o que demonstra que, para estes, o condom está sendo pensado apenas como método anticoncepcional. O cuidado na seleção da parceira esteve mais presente na categoria dos operários, principalmente da indústria. Ainda um fato que chama a atenção é a "falta de hábito em usar o condom" mencionada por todos, exceto pelos bancários.

Tabela 5  
Razões alegadas para nunca terem usado o condom  
(%)

	Categoria Profissional			
	Bancário	Universitário	Operário	
			Const. Civil	Indústria
Tira o prazer	50,00	35,00	23,10	0,00
Falta de hábito	0,00	25,00	46,10	16,70
Sel. parceira	0,00	0,00	15,40	41,70
Parceira usa				
MAC*	25,00	20,00	0,00	16,70
Ñ quis responder	6,20	0,00	0,00	8,30
Outras razões	18,80	20,00	15,40	16,60
Total de casos	16	20	13	12

\* Métodos anticoncepcionais.

Passando à prática do condom, no que se refere à maneira de usá-lo, observou-se que, com relação à quantidade de vezes de utilização de um mesmo condom, excetuando dois casos, na categoria bancários e industriários, que o usaram mais de duas vezes, todos os descartam após o uso. Quando perguntados o que gostariam de ver modificados nos condons

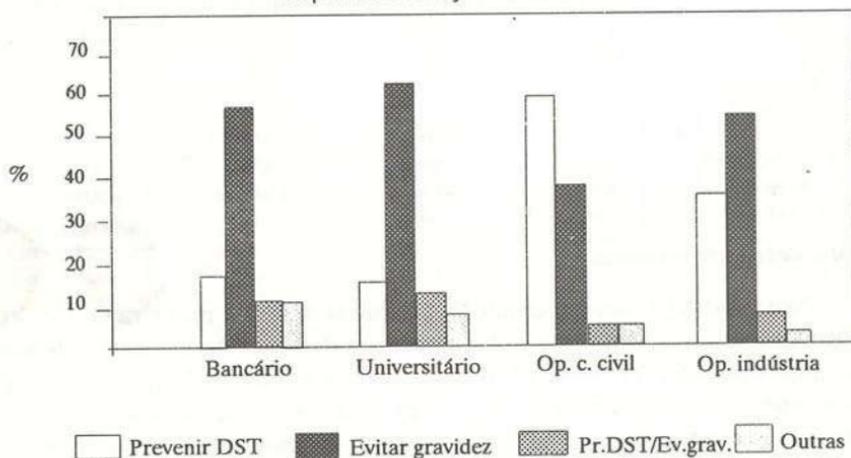
atuais, declararam certa insatisfação quanto à resistência do material, sua textura e anatomia. É importante salientar que já foram identificados alguns dos principais fatores que poderiam afetar a confiabilidade do condom e muitas vezes provocar a sua ruptura; um deles seria o seu processo de fabricação, as condições de armazenamento e uso por parte dos homens.

O elevado preço foi também mencionado. Possivelmente todos estes elementos, e tantos outros de maneira combinada, contribuíam para o uso pouco expressivo do condom em nosso meio.

Outro aspecto que nos chamou a atenção foi a idade com que estes jovens usaram o condom pela primeira vez. Considerando que o relacionamento sexual vem ocorrendo cada vez mais cedo na vida dos jovens, uma idade mediana entre 20 e 21 anos para começar a usar o condom pareceu-nos muito elevada. E isto ocorreu com bancários e operários. Entre os universitários, por outro lado, o uso começou mais precocemente, ou seja, 50% deles já haviam usado o condom aos 17,3 anos.

Procurando os motivos que levaram estes jovens a usar o condom pela primeira vez, o que predominou foi a necessidade de se prevenir de uma possível gravidez de suas parceiras sexuais (Gráfico 1), exceção feita aos operários da construção civil. Para esta categoria foi o cuidado com as doenças sexualmente transmissíveis que determinou o início do uso do preservativo. Como já foi salientado antes, isto pode dever-se ao fato de eles terem iniciado sua vida sexual com prostitutas, que em geral fazem uso de tal método.

Gráfico 1  
Finalidade do uso do condom  
na primeira relação sexual



*Uso do condom no último mês*

Perguntados se haviam ou não tido relações sexuais no último mês, 79,8% dos bancários, 77% e 72% dos operários da indústria e da construção civil, respectivamente, responderam "Sim". A categoria que menos se relacionara sexualmente no último mês foram os universitários, ou seja, 68,7%.

Entre aqueles que haviam feito sexo no último mês, apenas 29,8% usaram o condom. Isto nos permite estimar, com 95% de confiança, que a proporção atual de uso deste método esteve compreendida entre 26,7% e 32,9%. Este resultado mostra, como já era esperado, que os *surveys* sobre fecundidade ou sobre anticoncepção subestimam o uso desta prática, pelas razões já aludidas na Introdução, ou seja, por incluírem apenas mulheres em idade reprodutiva e, em geral, casadas ou unidas. De fato, a estimativa por esta via tem sido praticamente constante no país, nos últimos anos, ficando entre 1% e 2%.

A taxa de uso no último mês não foi uniforme nas quatro categorias (Tabela 6). De um lado, estão bancários e operários que apresentaram uma taxa mais reduzida de uso (entre 22% e 27%), cabendo aos universitários 45,5%. Estatisticamente, estes dois grupos diferem entre si.<sup>8</sup>

Tabela 6  
Uso do condom nas relações sexuais do último mês  
(%)

	Categoria Profissional			
	Bancário	Universitário	Operário	
			Const. Civil	Indústria
Sim	22,80	45,50	22,20	27,00
Não	77,20	54,50	77,80	73,00
Total de casos	79	66	36	37

Comparando com resultados de pesquisas conduzidas em outros países, pode-se considerar bastante razoável a proporção do uso aqui encontrada entre universitários. Por exemplo, pesquisa realizada no México<sup>9</sup> em 1988 detectou que 33% dos universitários tinham usado condom no último

8  $\chi^2$  observado para 3 graus de liberdade igual a 10,634 e  $\chi^2$  crítico ao nível de 5% igual a 7,815.

9 *Issues in World Health*. In Population Reports, 1989.

mês. Este nível de uso decorreu de campanhas educativas, como demonstram os 21% que prevaleciam em 1987, antes do início do programa de prevenção.

Procurando uma possível associação entre nível de escolaridade e uso de condom, observou-se que para a amostra total, estatisticamente não há diferença para aqueles que chegam a um curso superior, no sentido de aumentar a proporção de uso.<sup>10</sup>

A cor do entrevistado também não guardou relação com o fato de ter ou não usado o condom no último mês.<sup>11</sup>

Procurando entender os baixos níveis de uso do condom encontrados, percebeu-se que uma das razões residiu no fato de os entrevistados terem tido relações sexuais predominantemente com uma mesma pessoa no período considerado (Tabela 7).

Tabela 7  
Número de parceiros sexuais dos que não usaram  
o condom no último mês  
(%)

	Categoria Profissional			
	Bancário	Universitário	Operário	
			Const. Civil	Indústria
Não sabe	0,00	0,00	0,00	4,55
Uma pessoa	92,16	94,29	85,71	86,36
Duas pessoas	7,84	2,86	9,52	4,55
Três pessoas	0,00	2,86	0,00	0,00
Quatro ou +	0,00	0,00	4,76	4,55
Total de casos	61	36	28	27

Esta interpretação encontra fundamento no fato de a maioria dos entrevistados que tiveram relações sexuais com apenas uma pessoa considerarem esta relação estável. Assim, pode-se pensar que o uso do condom possa estar restrito ao que se considere fortuito, esporádico ou desconhecido. Estes dados podem de alguma maneira estar refletindo certa alteração no comportamento sexual masculino: porque, mesmo que os homens não estejam fazendo uso do condom de maneira significativa, tampouco estão se relacionando sexualmente com vários parceiros.

10  $\chi^2$  observado para 2 graus de liberdade igual a 5,753 e  $\chi^2$  crítico ao nível de 5% igual a 5,990.

11 Valor observado da diferença entre as duas proporções igual a 0,365, não significativo ao nível de 5%.

Tabela 8  
 Uso do condom em relações nas quais parceiras sexuais  
 usavam algum método anticoncepcional  
 (%)

	Categoria Profissional			
	Bancário	Universitário	Operário	
			Const. Civil	Indústria
Sim	31,43	42,50	25,00	46,67
Não	68,57	57,50	75,00	53,33
Total de casos	35	40	4	15

O uso do condom guarda certa relação com o fato de a parceira estar ou não fazendo uso de algum método contraceptivo (e é o que acontece na maioria das vezes). De fato, o homem julga-se desobrigado de utilizar qualquer outro método complementar, o que demonstra que a maioria dos entrevistados usa preservativo mais como método anticoncepcional do que como preventivo de doenças sexualmente transmissíveis (Tabela 8).

Em que pese o fato de as companheiras daqueles entrevistados que não fazem uso do condom estarem majoritariamente usando métodos hormonais (Tabela 9), de alta eficácia, há também a presença de outros dispositivos reguladores da fecundidade, de menor eficiência, o que, na ausência do condom, poderá levar a gravidezes indesejadas.

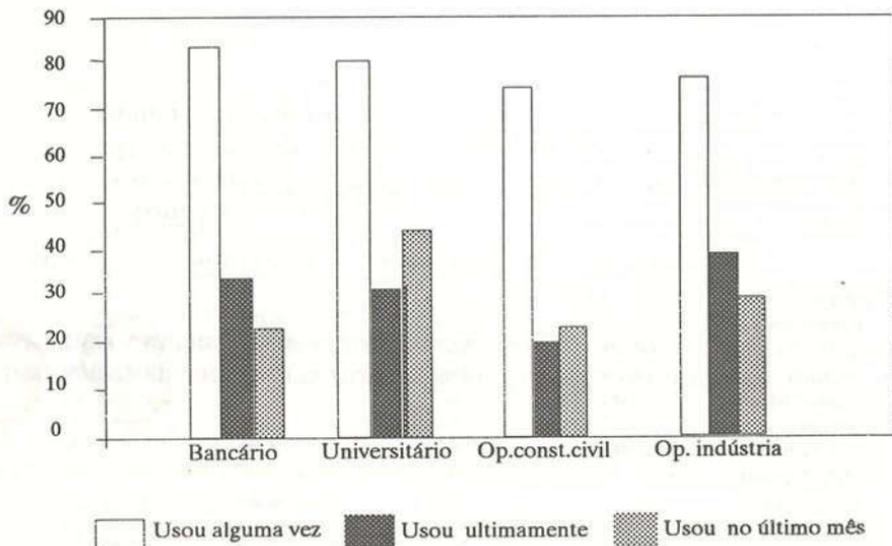
Tabela 9  
 Método anticoncepcional utilizado pelas parceiras daqueles  
 que não usam o condom (%)

	Categoria Profissional			
	Bancário	Universitário	Operário	
			Const. Civil	Indústria
Coito- interrompido	10,71	4,35	0,00	22,22
Pflula	64,29	52,17	100,0	66,67
Tabelinha	14,29	26,09	0,00	0,00
Método "Muco"	0,00	8,70	0,00	0,00
Diafragma	3,57	0,00	0,00	0,00
Pflula/Tabelinha	0,00	8,70	0,00	0,00
CoitoInterrom- pido/Tabelinha	7,14	0,00	0,00	11,11
Total de casos	28	23	4	9

Resumindo esta seção, o que se pode perceber é, em primeiro lugar, uma grande defasagem entre “usou alguma vez o condom” e “usou ultimamente o condom”. Uma das hipóteses que podem ser levantadas para dar conta desta situação, dado que os entrevistados são jovens, é a de que eles responderam afirmativamente mais vezes à primeira pergunta do que à segunda, porque aquela poderia ser contestada de forma mais descomprometida, por não se referir a nenhum período específico.

Responder negativamente poderia comprometer, de certa forma, a imagem masculina que têm de si próprios. Em segundo lugar, é muito mais reduzida a diferença entre “usou ultimamente” e “usou no último mês” e esta pode estar relacionada a quando se deram as últimas relações sexuais. Entre os bancários, caiu de 34,5% para 22,8%, e entre os industriários a queda foi de 36,8% para 27,0%, para a proporção de uso. Já entre universitários esta proporção cresceu de 32,5% para 45,5% e para os operários da construção civil o aumento foi menos sensível, ou seja, de 18,9% para 22,2% (Gráfico 2)

Gráfico 2  
Usou o condom alguma vez / usou última /  
e usou na relação do último mês



### *Conhecimento e incidência de doenças sexualmente transmissíveis*

O conhecimento dos entrevistados sobre as doenças sexualmente transmissíveis foi bastante homogêneo, sendo a gonorréia a doença mais citada, seguida da sífilis e da Aids (Tabela 10).

Tabela 10  
Doenças sexualmente transmissíveis mais conhecidas (%)

(*)	Categoria Profissional			
	Bancário	Universitário	Operário	
			Const. Civil	Indústria
Sífilis	86,00	94,00	44,00	44,00
Gonorréia	91,00	95,00	82,00	70,00
Aids	72,00	87,00	46,00	50,00
Sífilis/ Gonorréia/Aids	57,00	82,00	18,00	28,00
Sífilis/ Gonorréia/Aids/ Cancro	27,00	36,00	8,00	8,00
Total de casos	100	100	50	50

(\*) Respostas múltiplas.

Além do conhecimento, procurou-se saber das possíveis doenças sexualmente transmissíveis que estes entrevistados porventura pudessem ter tido em algum momento de suas vidas. Duas perguntas foram feitas neste sentido, ou seja, sobre ardor ao urinar e ardor no pênis. Os operários da construção civil, em comparação com as demais, foram a categoria que maiores percentuais apresentou de incidência destes sintomas.

### *Como contrair e evitar a Aids*

A Aids tem provocado questionamentos e modificações substantivas nos padrões e práticas sexuais contemporâneos. Esta foi a motivação para inclusão de questões ligadas ao tema em uma pesquisa sobre o condom.

Passando à análise do material da pesquisa, a Tabela 11 revela quais as combinações quanto à percepção das formas de transmissão da Aids foram mais citadas pelos entrevistados. Embora a transmissão da Aids se dê por diversas vias, o contágio através das relações sexuais foi o que suscitou

maior preocupação dos entrevistados, o que parece coerente com as informações do Ministério da Saúde, sobre a elevadíssima incidência de Aids, entre homens, pela via da prática do sexo. Neste sentido, as campanhas veiculadas pelos meios de comunicação de massa acabaram por passar a informação de que o maior perigo está nesta área do comportamento, fazendo com que as pessoas em geral, e os homens em particular, incorporem esta preocupação no seu cotidiano.

Tabela 11  
Meios de transmissão da Aids  
(%)

(*)	Categoria Profissional			
	Bancário	Universitário	Operário	
			Const. Civil	Indústria
Só via sexual	2,00	1,00	14,00	6,00
Só via transfusão	1,00	0,00	0,00	0,00
Via sexual, droga	8,00	6,00	18,00	14,00
Via sexual e transfusão	12,00	16,00	30,00	22,00
Via sexual, transfusão e droga	47,00	48,00	14,00	24,00
Outras vias**	30,00	29,00	20,00	28,00
Não sabe	0,00	0,00	4,00	3,00
Total de casos	100	100	50	50

(\*) Respostas múltiplas

\*\* Outras vias: acidentes hospitalares, transplacentários, líquido amniótico, saliva, citadas sozinhas ou junto com as demais.

Com relação ao que se deve fazer para evitar a Aids, o condom foi mencionado em 76% das respostas múltiplas dadas pelos entrevistados, conforme Tabela 12.<sup>12</sup> Foi no grupo dos universitários que este método mais apareceu, atingindo 82% de respostas, seguido dos bancários, com 79%. Estes resultados revelam uma relação significativa quando comparados aos meios conhecidos de transmissão e suas respectivas maneiras de prevenção da doença. Já para os operários, esta percentagem ficou em 65%. Estes achados estão bem próximos daquele encontrado no

12 Também para a pesquisa da Bemfam já citada, este foi o método mais citado pelos jovens para evitar a Aids.

México,<sup>13</sup> isto é, 78% para uma amostra contemplando várias categorias ocupacionais.

Apesar de os resultados sugerirem um alto grau de absorção de informação por parte dos entrevistados, observam-se ainda muitas distorções e mesmo desinformação quanto ao assunto. Por exemplo, o uso de banheiros públicos, aperto de mão, beijo e assento de ônibus são ainda apontados pelos entrevistados como maneiras de se contrair a Aids.

Tabela 12  
Meios de prevenção da Aids  
(%)

(*)	Categoria Profissional			
	Bancário	Universitário	Const. Civil	Operário Indústria
Só uso condom	1,00	2,00	10,87	15,22
Só alt.práticas sexuais	5,00	2,00	13,04	15,22
Só contatos sangüíneos	0,00	0,00	4,35	0,00
Uso do condom e alterações nas práticas sexuais	15,00	10,00	13,04	8,70
Uso do condom e evitar contatos sangüíneos	16,00	20,00	23,92	26,08
Alterações nas práticas sexuais e evitar contatos sangüíneos	12,00	11,00	10,87	19,56
Uso condom,alt. práticas sexuais e evitar cont. sang.	47,00	50,00	17,39	15,22
Outros meios**	4,00	5,00	6,52	0,00
Total de casos	100	100	46	46

(\*) Respostas múltiplas.

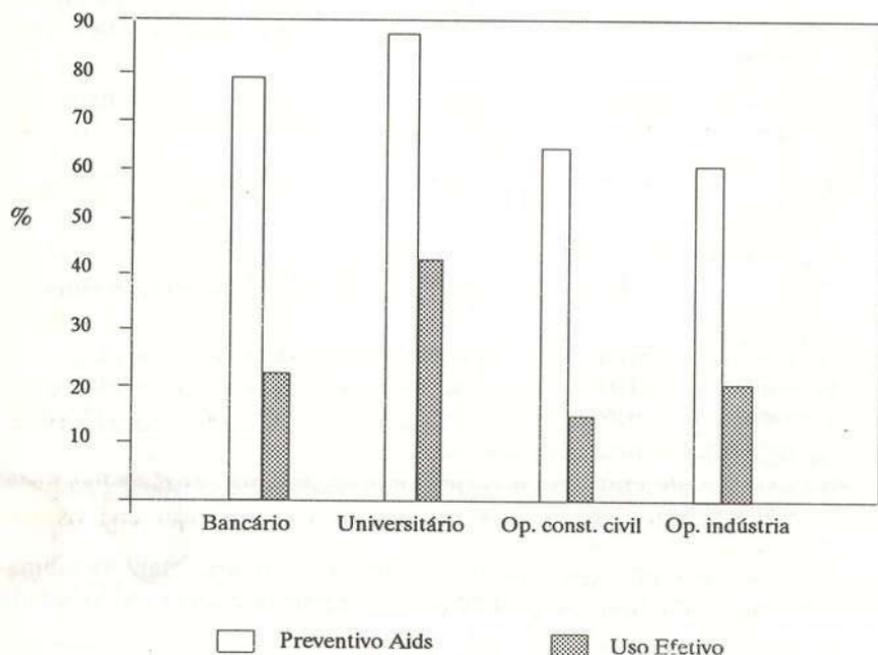
\*\* Outros meios: conhecer parceiros, não ser promíscuo, não frequentar "zona", citados sozinhos ou junto com os demais.

Ao mesmo tempo que estes resultados são de alguma maneira animadores, porque refletem um conhecimento importante do grupo estudado

sobre como se contrai e como se evita a Aids, ajudam também a explicitar a distância que ainda medeia o discurso e a prática desses entrevistados.

De fato, quando se compara o uso efetivo do condom nas relações sexuais do último mês, para aqueles que o citaram como um método preventivo da Aids, observa-se um descompasso entre o saber e a tomada de consciência de que a Aids pode ser contraída por qualquer um (Gráfico 3).

Gráfico 3  
O condom citado como preventivo da Aids  
e o uso efetivo no último mês



## Resumindo

1. Todos os entrevistados já tinham ouvido falar do condom.
2. O condom é mais percebido como meio de evitar a gravidez do que como preventivo contra doenças sexualmente transmissíveis.
3. Os operários da construção civil que estão na base da pirâmide social sofrem mais da carência de informações sobre doenças sexualmente transmissíveis. A prática do sexo mais comum com prostitutas faz com que os operários pensem no condom mais como meio de prevenir estas doenças do que de engravidar a parceira.
4. De todos os entrevistados, 80% já haviam usado o condom alguma vez e a proporção de uso não diferiu estatisticamente entre os quatro grupos estudados.
5. Dos 74% que tiveram relações sexuais no último mês, 30% usaram o condom, o que permite estimar, com 95% de confiança, que a proporção de uso varie de 27% a 33%. Este resultado confirma a suposição de que os *surveys* sobre fecundidade ou sobre anticoncepção, como são usualmente conduzidos, por incluírem apenas mulheres em idade reprodutiva e, em geral, casadas ou unidas, subestimam o uso do condom, que no Brasil, por esta via, estava estimado em 2%.
6. A incidência de uso no último mês foi significativamente maior para universitários (45,5%), quando comparada com as outras três categorias (variou de 22% a 27%).
7. O uso do condom no último mês não apresentou associação com etnia.
8. Duas são as principais razões alegadas para o não-uso do condom nas relações do último mês: a) o fato de estas se darem com a mesma pessoa, tratando-se, portanto, de relação estável, e b) o fato de as parceiras usarem métodos anticoncepcionais femininos.
9. Todos os entrevistados já tinham ouvido falar de doenças sexualmente transmissíveis. A gonorréia foi a mais citada, vindo a sífilis em segundo lugar, seguida da Aids.
10. Do total de entrevistados, 36% já haviam tido sintomas ligados a doenças venéreas e foram os operários da construção civil os que apresentaram a maior incidência.
11. Cerca de 60% dos que tiveram algum sintoma chegaram a procurar serviços de saúde ou farmácias.
12. A via sexual foi a mais citada pelos entrevistados como a maneira de se contrair a Aids.

13. Em decorrência, foi o uso do condom o método mais mencionado como forma de se prevenir contra a Aids.
14. Entretanto, para aqueles que citaram o condom e que tiveram relações sexuais no último mês, o uso efetivo deste preservativo não chegou a atingir nem 25%, e mesmo para universitários, só atingiu 40%.

### **Referências bibliográficas**

- Berquó, E. (1987) "Anticoncepção da população na virada do século". In: *Homem-Mulher: crises e conquistas*. São Paulo, Melhoramentos.
- \_\_\_\_\_ et al. (1986) *Estudo da dinâmica demográfica da população negra no Brasil*. Campinas, NEPO/Unicamp.
- Fundação Bemfam. *Pesquisa sobre saúde reprodutiva e exualidade do jovem* (relatório preliminar), 1989-90
- Fundação IBGE. *Censo Demográfico de 1980*.
- Nações Unidas, Organização das. (1989) *Levels and trends of contraceptive use as assessed in 1989*. Nova York.
- "Issues in world health". (1989) In: *Population Reports*, série L. n.º 8, set.